

12-2002

## Amazônia, missão e espiritualidade da terra-água

Sérgio Castriani

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

---

### Recommended Citation

Castriani, S. (2002). Amazônia, missão e espiritualidade da terra-água. *Missão Espiritana*, 2 (2). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol2/iss2/10>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

## *amazónia, missão e espiritualidade da terra-água*

*Tendo sido missionário no Estado do Acre, da Amazónia, e agora bispo de Tefé, também na Amazónia, D. Sérgio Castriani conhece a vastíssima realidade do Amazonas, este grande pulmão da humanidade que representa 60% do território brasileiro e possui 20% da água potável do planeta. Daí que o primeiro grande desafio missionário que ele sente seja o de como desenvolver as pessoas, como garantir qualidade de vida, sem destruir a natureza e vivendo em harmonia com ela.*

### **Tudo é imenso**

Para falar da missão espiritana na Amazónia e da espiritualidade que a alimenta permitam-me recordar a minha experiência pessoal, pois para mim missão espiritana, vocação sacerdotal e episcopal e missão pessoal só são compreensíveis a partir da missão na Amazónia. Foi da Amazónia e preocupados com a Igreja que aí reunia, que os missionários espiritanos, provenientes da Europa, foram para o sul do Brasil fundar uma Província Brasileira que viria a ter como primeira missão a Amazónia.

Não cabe aqui narrar todas as peripécias desta fundação e os resultados da mesma. Para mim esta aventura teve um impacto pessoal. No dia 15 de Março de 1979, recém ordenado sacerdote e tendo como primeira nomeação o Distrito do Alto Juruá, deixei São Paulo rumo à cidade de Feijó no Estado do Acre, a missão para a qual havia sido destinado.

Mesmo sendo brasileiro era a primeira vez que viajava para a Amazónia. Ora, a Amazónia representa 60 % do território Nacional, dela se fala muito, mas pouco se conhece. Um dos pulmões do Brasil, nem sempre sua importância real é reconhecida pelo resto da nação.

A primeira impressão quando se chega à Amazónia é a extensão, ou melhor as extensões: tudo é imenso. A mata que se sobrevoava se perde no

\* Bispo de Tefé, na Amazónia, desde 1998. Natural do Brasil, foi formador na Província espiritana do Brasil e membro do Conselho Geral da Congregação.

horizonte. Os rios que se espalham pelas mesmas formando igapós e florestas inundadas. O imenso Amazonas que de tão grande é chamado rio-mar e a região do Grão-Pará, até 1823 separada do resto do Brasil.

Hoje sirvo a Igreja na Prelazia de Tefé. São 258.000 Km<sup>2</sup>. Uma extensão que equivale ao estado de São Paulo ou ao território italiano, sem as ilhas. Viver nesta imensidão nos coloca, a todos os amazônidas, habitantes da Amazônia, numa relação muito particular com as coordenadas do espaço e do tempo. Tudo é imenso, tudo leva tempo, tudo é distante. O missionário viaja horas para visitar as comunidades do interior. Áreas imensas são praticamente desabitadas. A pessoa humana ou se integra nesta imensidão ou é destruído por ela. Estas grandes extensões quase que nos obrigam a aceitar a verdadeira dimensão do humano na natureza e no universo. Vivemos num lugar belíssimo, com cenários deslumbrantes que também fazem parte da missão na Amazônia.

As grandes extensões, a grandiosidade da natureza nos desafiam a construir um outro modelo de desenvolvimento humano, harmonioso, sustentado, que vise muito mais qualidade de vida que domínio da natureza, construção de estradas ou criação de gado.. O desenvolvimento hoje é muito mais visto como desenvolvimento das pessoas, como aumentar a qualidade de vida das pessoas num desenvolvimento que seja integrado com a natureza. Tecnicamente se chama desenvolvimento sustentado, que procura dar cidadania, saúde, educação, às pessoas. Nesse sentido a área da prelazia de Tefé é privilegiada porque é uma área praticamente intacta.

E talvez este seja o primeiro grande desafio missionário: como desenvolver as pessoas, como garantir qualidade de vida, sem destruir a natureza e vivendo em harmonia com a mesma?

Durante muito tempo, e ainda hoje, muitos dos colonizadores da Amazônia, viram a sua tarefa como um esforço gigantesco de dominar a natureza, o que no fundo significou e significa a destruição, queimadas, poluição, etc. A pressão internacional, mas sobretudo a consciência dos amazônidas está mudando este quadro. Já há consciência de que os recursos não são inesgotáveis, de que o peixe, ou ao menos determinadas espécies, podem acabar. A imensidão é frágil e está continuamente se refazendo.

### **Amazônia: Última página dos Génesis, ainda a ser escrita!**

A segunda grande constatação que foi expressa de forma poética por Euclides da Cunha, o grande escritor de "Os Sertões": «A Amazônia é a última página dos Génesis, ainda a ser escrita». A Amazônia é uma região em transformação. São rios imensos que se movem mudando de lugar a cada ano, são ilhas que surgem e desaparecem, são barreiras que rompem cortando curvas, formando lagos. Há cidades que se movem, barrancos que caem. A cada ano, quando chega o verão, praias vastíssimas aparecem onde antes nada havia. Essa mobilidade e transformação cria a sensação de que tudo ainda está por acontecer, o definitivo ainda não chegou. E isso penetra nas mentes e nos corações, impede a construção de edifícios sólidos, pois tudo pode mudar nas próximas chuvas ou na próxima estação

*Tudo é imenso,  
tudo leva tempo,  
tudo é distante*

*A Amazônia é  
uma região em  
transformação*

seca. Tudo é provisório, o que engendra uma cultura na qual nada é definitivo. Não é difícil inferir o que isto significa para o trabalho missionário, para instituições e estruturas que se desejam sólidas, eternas, imutáveis. Daí a sensação do tempo perdido, do eterno recomeço, de viver numa terra do “já houve”.

A Amazónia, uma terra a ser explorada. Desde o início da colonização se sonhou com a extracção da riqueza, com o Eldorado escondido no segredo da floresta. Ao longo dos séculos não faltaram nunca expedições para procurar riquezas. Estas incursões não levaram nunca em conta a população local. Conforme o projeto de exploração: ou esta população devia ser utilizada como mão de obra escrava ou barata, ou simplesmente destruída; nações inteiras desapareceram, outras foram reduzidas a pequenos grupos que por milagre sobreviveram. A exploração foi executada de fora para dentro. Verdadeiros sistemas foram criados, o mais perverso deles o da exploração do látex para a produção da borracha. Euclides da Cunha que visitou o rio Madeira como jornalista escreveu que os seringais foram o sistema mais perverso de exploração do trabalho humano criado pela humanidade. Calcula-se que em um século umas 500.000 pessoas foram levadas para a Amazónia para a exploração dos seringais. Colocado no centro da mata, totalmente dependente do barracão para se abastecer. O seringueiro nunca se libertava da dívida que começara a ser contraída já na sua terra natal. Fortunas se fizeram e desapareceram na Amazónia. A imponência do Teatro de Manaus é testemunha destes tempos de fausto e de sofrimento. Companhias de Teatro da Europa faziam escala em Manaus, conhecida então como a “Paris dos Trópicos”.

Assim como os primeiros espiritanos, também quando eu cheguei em 79 me defrontei com este sistema. Graças a Deus assisti ao desmantelamento dos seringais nos anos 80. A economia mundial, a produção asiática do Látex, mas também a organização dos sindicatos apressou o fim de tamanha injustiça.

Esta estrutura impediu uma acção pastoral mais efectiva e profética. O missionário acabava fazendo “desobriga” isto é, visitando os seringais para baptizar, confessar e casar. Seu serviço era pago pelo patrão que punha o preço na conta do seringueiro, aumentando assim a sua dívida. Quase nenhuma catequese, muita devoção trazida do Nordeste, pouquíssima eucaristia. Não é difícil imaginar a frustração de quem queria evangelizar, formar catequistas, descobrir vocações para um clero local autóctone.

Infelizmente a exploração continua. Os projectos para a Amazónia, hoje, são ainda a exploração da madeira, a pesca predatória, a extracção do petróleo e de minerais, sem falar na busca de essências, das espécies exóticas, à bio-diversidade que dá ensejo à bio-pirataria. Ainda hoje, como no passado, a população local, os Amazónidas, os verdadeiros guardiães da floresta são coarctados, suportados ou forçados a sair.

*Tudo é provisório,  
o que engendra  
uma cultura na  
qual nada é  
definitivo*

*Calcula-se que em  
um século umas  
500.000 pessoas  
foram levadas para  
a Amazónia para a  
exploração dos  
seringais*

*Bio-diversidade é hoje um conceito comum para quem pensa a Amazônia*

### **A diversidade da vida**

Tudo é grande, tudo é imenso e tudo é plural. São encontradas as espécies em toda a sua diversidade e riqueza. É engraçado ver os cientistas contarem as espécies de sapos encontrados numa extensão muito pequena e o saco carregado pela pesquisadora contendo dezenas de espécies de folhas que formam o cardápio do peixe-boi. Bio-diversidade é hoje um conceito comum para quem pensa a Amazônia. Espécies sem número convivem em um equilíbrio ecológico complexo e diversificado e que pela sua delicadeza pode ser destruído com facilidade.

A diversidade da natureza se repete na diversidade da população amazônica. Uma grande parte é descendente dos nordestinos que vieram no ciclo da borracha. Trouxeram na sua bagagem a garra do homem que enfrenta a seca e que agora tem que se arranjar com as grandes águas. São brancos e são caboucos, mestiços com sangue misturado. No coração trazem a devoção aos santos, sobretudo a São Francisco, o das chagas do Canindé. Os nordestinos aqui encontram o cabouco amazonense, que é o índio tapuia, amansado nos aldeamentos, que não era mais índio mas falava a língua geral e perdendo as suas origens. Esta língua geral, mistura de Tupi-guarani, foi criada pelos missionários para a obra da catequese. Mas também se encontram filhos de brancos, colonos que chegaram sozinhos, a quem era dado como prêmio uma mulher índia providenciada pelo patrão. Essa mulher, índia, passou aos filhos a cultura ancestral, a harmonia com as águas, o conhecimento dos segredos da floresta.

*Na Amazônia ainda há índios*

Mas na Amazônia ainda há índios. Uns poucos grupos arredios no interior da floresta, fugitivos de outras eras. Outros embora com longo contacto com o invasor mas ainda guardando língua, cultura, religião, num testemunho eloquente de resistência. São dádiva de Deus para uma civilização que perdeu raízes, se globalizou, se distanciando de valores humanos fundamentais. Ainda escutam os espíritos da floresta, ainda comungam com a vida pujante dos espíritos das árvores e dos animais. Há também índios ressurgidos, populações e grupos que se redescobrem como povos, assopram as cinzas que cobrem as brasas ainda acesas e vão à procura do elo que se perdeu com os seus antepassados. É nesta Amazônia imensa que não é só brasileira, mas também Venezuelana, Colombiana, Peruana, Boliviana, Equatoriana, Surinamesa, Guianense e até francesa que vive uma porção do povo de Deus.

*O povo de Deus tem rosto amazônico mas a hierarquia em grande parte ainda vem de fora*

### **Povo de Deus com rosto amazônico**

A Igreja que chegou junto com o colonizador assumiu e viveu a grandeza, as mazelas e as tragédias da região. O povo de Deus tem rosto amazônico mas a hierarquia em grande parte ainda vem de fora. As devoções e as festas populares juntam multidões, mas a eucaristia, centro da vida cristã, não faz parte dos costumes. As velas são acesas e os santos venerados mas a ética e a moral ainda está longe de ser de uma população evangelizada. As tentativas de evangelização e de construção de uma estrutura de Igreja Local se esbarra na mobilidade, na falta de futuro, no

marasmo. O baptismo é procurado para que a pessoa tenha a dignidade de Filho de Deus e não para que se insira num Povo, numa Igreja e conhecendo os ensinamentos do Senhor vivam de acordo com eles. Ser baptizado é quase equivalente a ser brasileiro!

A catequese superficial, a incapacidade da estrutura eclesial de responder às necessidades dos fiéis, fez com que o terreno se tornasse fértil para as seitas. Na nossa região um terço dos fiéis abandonou a fé católica, nos últimos 30 anos, e outro terço tornou-se praticamente indiferente. Mas, a Igreja da Amazónia não permaneceu e nem permanece indiferente. A fé e a esperança que moveram os missionários do passado, santos e trágicos, mais trágicos que santos, continua a mover os missionários de hoje.

Os espiritanos e inúmeras outras congregações religiosas assumiram a partir do século XIX pedaços da Amazónia. Prelazias foram sendo criadas e entregues a capuchinhos italianos, redentoristas americanos, missionários canadenses, PIME da Itália, servitas italianos, espiritanos franceses e depois alemães e holandeses e agostinhos espanhóis. As congregações montaram estruturas de educação, escolas, internatos, hospitais, áreas de cultivo, etc. Às congregações masculinas aos poucos foram-se juntando as femininas.

Mas, apesar dos espiritanos terem formado sete padres brasileiros amazonenses, não conseguiram formar um clero local. Cem anos depois as nossas Igrejas continuam pobres em pessoal e dependentes financeiramente. O bem que foi feito foi imenso, mas assim como a grande floresta devorou os grandes projectos de exploração económica parece também ter transformado em ruínas um projecto missionário importado. O desenvolvimentismo da década de 60 levou alguns missionários a identificarem missão com desenvolvimento, o que trouxe mais frustração ainda aos que viram seus esforços darem em nada.

Diante deste quadro que poderia atemorizar e até aterrorizar, o que de facto aconteceu com muitos missionários, a Igreja na Amazónia teve em 1972 o seu Medelín. A conferência de Medelín foi a actualização do Concílio Vaticano II para a América Latina, marcou a história da Igreja no continente com suas opções pastorais e sua análise da realidade.

Em 1972, os bispos da Amazónia reunidos em Belém do Pará actualizaram Medelín para a região. As opções pastorais feitas então foram assumidas como Pastoral de conjunto na região e deram uma fisionomia própria à Igreja da Amazónia. Estas opções como veremos a seguir significaram vida para milhares de pessoas e abriram perspectivas que são válidas até hoje. O caminho a ser percorrido ainda é longo.

**I - Formação de comunidades:** a Igreja decidiu-se por um programa de organização das comunidades. Era preciso juntar as famílias espalhadas ao longo dos rios, criando assim condições para a implantação de escolas, postos de saúde, catequese, celebração do culto dominical, melhorias de infraestruturas como gerador de electricidade, etc. Este trabalho foi árduo, pois ia contra a mentalidade dos seringais, exigiu uma mudança de mentalidade de submissão ao patrão e a necessidade de um aprendizado

*Em 1972, os bispos da Amazónia reunidos em Belém do Pará actualizaram Medelín para a região*

concreto de práticas democráticas e de participação. Mas, sobretudo implicou ir ao encontro dos interesses dos patrões, dos comerciantes, dos políticos, dos eternos exploradores da mão de obra barata. Trinta anos depois pode-se dizer que esta acção foi um sucesso, mesmo se o modelo comunitário hoje está em crise. O próprio termo comunidade foi assumido pelos poderosos e hoje tudo é comunidade, mas as comunidades existem e funcionam, fruto de horas e horas de cursos, assembleias, conversas... ouvido para convencer, e de um sistema de rádio local que alfabetizou, divulgou e hoje continua a comunicar a boa notícia apesar da televisão que penetra até ao último rincão. Comunhão e participação se tornaram palavras chave em Puebla e hoje ainda são metas da nossa acção Pastoral. Uma Igreja que seja rede de comunidades onde todos se sentem responsáveis e cidadãos a título pleno.

**II - Formação de Agentes pastorais amazónicos:** Uma pastoral vocacional que leve homens e mulheres a viver o seu baptismo na sua dimensão ministerial e missionária tornou-se e ainda é prioridade das prioridades. Além do esforço de cada comunidade, paróquia e prelazia na formação de catequistas, animadores de sector, agentes da cidadania, agentes ambientais voluntários etc. Foram criados dois institutos de Pastoral de nível Superior, um em Belém do Pará e outro em Manaus. Os dois ainda hoje funcionam, a duras penas, com poucos recursos, mas são sem dúvida centros não só repetidores mas produtores de reflexão teológica e pastoral. Ainda estamos longe de sermos uma Igreja com rosto amazónico mas não se pode negar a actuação e a presença de centenas de leigos e leigas tanto nas comunidades quanto nas diversas instâncias da sociedade. O caminho é longo e quando alguém quer nos ajudar a resposta é sempre a mesma: ajude-nos na formação, esta é a nossa prioridade.

**III - Reconhecimento da realidade indígena:** Nesta época de 1972 a política indigenista do governo brasileiro era a de integrar os povos indígenas à nação. Na prática isto significava o extermínio e a anulação dos povos e das culturas indígenas. A Igreja reagiu a isto reivindicando o direito dos povos indígenas em primerio lugar de existirem e, em segundo, de se autodeterminarem enquanto povos. O direito de existir exigiu lutas concretas e a construção de uma organização indígena que desse voz às dezenas de povos ainda existentes e resistentes.

Era preciso lutar pela terra, garantindo o espaço vital para as diferentes tribos. Não é difícil imaginar os interesses atingidos e os argumentos usados contra a demarcação das terras indígenas. As acusações contra a Igreja e contra o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), então recém criado, para organizar e dar rumos à pastoral indigenista da Igreja no Brasil se multiplicaram. Na maioria dos casos foi também preciso uma acção emergencial na área da saúde. Algumas tribos estavam sendo dizimadas por doenças como tuberculose, hepatite, etc. Além de terra e saúde os Missionários passavam a incentivar o uso da língua materna, a alfabetização

na mesma, a educação diferenciada, mas que também capacitasse os indígenas a conviver com a sociedade envolvente. Leigos na sua maioria, mas também religiosos, religiosas e sacerdotes, muitos missionários e missionárias foram viver nas aldeias aprendendo a língua, os mitos, as histórias e os costumes dos indígenas. E muitos deram a vida, se tornaram mártires. Tudo isto se tornou base para o diálogo inter-religioso e talvez pela primeira vez na história do Brasil foi valorizada esta dimensão da evangelização: um reconhecimento profundo do valor do outro, da presença do Espírito Santo nas diferentes culturas, nas sementes do Verbo presentes antes mesmo da chegada do missionário.

A organização indígena hoje existente em todo o Brasil e na Amazônia em particular, o ressurgimento de povos antes desaparecidos no meio da população, a duplicação da população indígena nos últimos 20 anos, o reconhecimento de que o Brasil é plurinacional e o direito que as populações indígenas têm à educação e à saúde diferenciadas, são conquistas das quais a Igreja católica se pode orgulhar de ter participado. Com um certo exagero, mas não sem razão totalmente, um irmão bispo apaixonado pela causa indígena disse que sem o CIMI muito provavelmente os índios teriam desaparecido e o regime militar teria conseguido seu intento de integrá-los todos na comunidade nacional.

Mas, a atenção à realidade indígena continua e a atenção deve ser redobrada. Para muitos, terra indígena ainda é terra de ninguém e pode ser invadida e explorada por quem chegar primeiro. Para outros os interesses indígenas são importantes, mas maiores os económicos. Minério e riquezas no subsolo justificam invasão.... Sob o motivo de educação diferenciada podem-se esconder práticas colonizadoras e preconceitos culturais.

Para nós fica ainda em aberto a necessidade de um diálogo profundo com as nações indígenas, de um anúncio da Boa Nova inculturada, de espaços na Igreja onde os índios possam ser católicos, ministros, religiosos, religiosas, sacerdotes sem deixarem de ser índios.

#### IV - A opção pelos pobres:

É claro que a Igreja sempre olhou para os pobres e abandonados. Os missionários na Amazônia desde o séc XVII, mesmo a serviço das coroas portuguesas e espanholas nunca deixaram de ter misericórdia e de procurar amenizar o sofrimento das pessoas. Mas provavelmente não tinham consciência de que o sistema no qual estavam inseridos e ao qual serviam é que provocava morte e destruição entre os indígenas que queriam converter e salvar. Os que perceberam isto e se tornaram vozes proféticas (Vieira) não foram ouvidos ou foram afastados.

A opção pelos pobres significou entre outras coisas, respeitar a dignidade do pobre para que ele se tornasse sujeito de sua própria história, dono de sua vida pessoal, agente transformador da sociedade.

Percebeu-se que era preciso transformar as estruturas da sociedade para que ela se tornasse mais justa e mais fraterna. Os cristãos individualmente, e as comunidades, foram convidados a assumir a causa do pobre, a fazer

*Sem o CIMI muito provavelmente os índios teriam desaparecido*

*A opção pelos pobres significou respeitar a dignidade do pobre para que ele se tornasse sujeito de sua própria história*



opções concretas de transformação política, a entrar no jogo político concreto.

Pode-se pensar que tudo não passou de uma ilusão. Isto não é verdade. Se aqui também o caminho é longo, quanto foi conseguido em termos de democratização do país, de denúncia da corrupção, de surgimento de partidos políticos comprometidos com a mudança e acima de tudo de organizações populares, associações, sindicatos, que hoje formam no Brasil uma sociedade actual cada vez mais organizada. Mesmo na Amazónia impressionam o número dessas organizações e suas relações. Ninguém hoje pode fazer de conta que elas não existem.

### V - A preservação:

A organização das comunidades ribeirinhas, a formação de agentes amazónidas, a opção pelos pobres, a busca de qualidade de vida para as pessoas levou à consciência da necessidade de preservar e de plantar. A isto se chamou de desenvolvimento sustentado. A primeira luta das comunidades foi pela preservação de alguns lagos ao lado de outros que permaneciam abertos para a manutenção da própria comunidade e para a exploração e comercialização. Este sistema de preservação foi iniciado pelo Irmão Falco, espiritano holandês, e pela população: lago de preservação onde ninguém toca; um lago de consumo, para comer e um lago de comércio, para vender. Sistema criado empiricamente levando em conta as espécies de peixe, a época da desova, o movimento das águas, das estações, etc. Este sistema criado empiricamente e pela sabedoria popular foi depois reconhecido e assumido por institutos científicos e universitários.

A outra luta foi a criação de reservas extractivistas, unidades de conservação, administradas por associações de moradores assessoradas por técnicos que as ajudam no manejo dos lagos para a pesca não predadora e no manejo da floresta para a exploração da madeira seguida de reposição da mata.

A Prelazia de Tefé tem na preservação uma de suas prioridades, não por razões económicas, mas porque a partir da fé que professa e anuncia acredita na possibilidade de vida em abundância e luta por ela.

Grande esforço foi e continua sendo feito na formação de agentes ambientais voluntários, hoje reconhecidos pela autoridade governamental e chamados os "olhos da floresta"!

São eles que junto com as suas comunidades guardam de facto este património da humanidade de cuja soberania o Brasil não pode e não quer abrir mão. Por causa deles, espécies em extinção como o peixe-boi ganham nova chance. Sua acção tem impedido o desapareciemnto de várias espécies de quelónios, pois são eles que guardam as praias onde os mesmos vêm depositar seus ovos.

A bandeira da preservação tem sido levantada por muitos. Muito dinheiro tem sido destinado a organizações que muito falam, muito viajam e pouco fazem. São os amazónidas que podem salvar e preservar a Amazónia.

*A Prelazia de  
Tefé tem na  
preservação uma  
de suas prioridades*